

Criança travessa pode ter distúrbio tratável

■ Problema que pode dividir famílias atinge 3,5 milhões de adolescentes americanos

CLÁUDIO CORDOVIL

John, uma inteligente criança de cinco anos com expressão angelical, acorda às 7h e já revela porque as mães dos coleguinhas hesitam em convidá-lo para festinhas infantis. Depois de jogar a caixa de biscoitos no chão, este anunciador de aventuras vai para a sala e começa a descascar o verniz da mesa de centro. Ato contínuo, dirige-se ao banheiro e desfia o rolo de papel higiênico pela casa. Sempre indiferente aos apelos da mãe, John, versão revista de *Pimentinha*, é uma fera indomável. Seus pais, absolutamente consumidos pela agitação do diabrete, perguntam-se sobre onde falharam na educação deste *terror das babás*. Os conflitos familiares giram em torno do vulcão chamado John e a separação já parece inevitável.

Há 15 anos, nosso personagem fictício seria apenas uma criança levada, mas hoje, com o avanço da ciência, sabemos que ele pode ter distúrbio de déficit de atenção e hiperatividade (ADHD) e que seu caso tem solução. Atualmente, este é o distúrbio comportamental mais freqüente nas crianças americanas, atingindo 3,5 milhões de adolescentes ou até 5% de todos os indivíduos com menos de 18 anos.

“Desatenção, mau aproveitamento escolar, *distraibilidade*, incapacidade de se concentrar onde quer que esteja são alguns dos sintomas deste distúrbio”, explica o psiquiatra Jerson Laks, professor de psiquiatria da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). No entanto, Laks adverte que criança levada nem sempre é portadora de distúrbio de déficit de atenção e hiperatividade.

Avaliação — “O diagnóstico é baseado principalmente na realização de testes específicos e na coleta da história detalhada do paciente. Procura-se investigar a gravidez da mãe, condições de nascimento, relacionamento interpessoal, aproveitamento escolar e até o número de fraturas na infância”, explica Laks. Assim distingue-se o distúrbio da simples falta de educação. “Os testes visam avaliar o comportamento, medir a atenção, nível de linguagem, capacidade de cálculo e inteligência”, esclarece a psiquiatra Marcia Rozenthal. Uma bateria de testes dura cinco horas e o diagnóstico é dado em 20 dias. “Um outro exame apontará sinais brandos de comprometimento neurológico e distúrbios de equilíbrio”, segundo o neurologista e professor Eliaz Engelhardt, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Estudos revelam que entre um terço e dois terços das crianças que sofrem de ADHD continuam a apresentar seus sintomas na idade adulta. Nos EUA, calcula-se que existam 10 milhões de adultos com distúrbio de déficit de atenção (ADD), *sem hiperatividade*. É como se o cérebro estivesse permanentemente com a tecla de avanço rápido (*fast forward*) acionada. Os pensamentos passam tão rápido que é difícil se concentrar em uma determinada tarefa. Apesar de inteligentes, sua incapacidade de concentração os faz ir mal na escola e serem uma nulidade no trabalho.

Carreiras — Duas coisas podem acontecer para o bem dos portadores de ADD: ou eles canalizam esta energia impulsiva para a prática de esportes e se tornam campeões ou optam por uma profissão que exija a famosa *garra*. “Ainda que esse adulto, que se caracteriza por gesticular muito, tenha sucesso profissional, ele pode enfrentar problemas familiares por sua excessiva impulsividade e irritabilidade”, ressalva Laks.

Caso contrário, se optar pela contabilidade, por exemplo, que exige concentração, o portador poderá viver o drama de não parar em emprego algum. Por isso, após passarem anos sem saber a quem culpar pelos fracassos, algumas pessoas ficam aliviadas quando descobrem que devem sua má sorte a uma condição biológica tratável.

Sabe-se que psicoestimulantes à base de mefenidato e alguns antidepressivos são eficazes em 70% dos casos de ADHD. Paradoxalmente, estas drogas que agitariam qualquer mortal acalmam os portadores de ADHD. Complementam o tratamento psicoterapia, educação especial e dicas sobre a difícil arte de ser organizado.



Crianças levadas, como Júnior (Michael Oliver), o protagonista de 'O Pestinha', podem apresentar distúrbio de hiperatividade

Professor ajuda no diagnóstico

Como não existe um teste clínico que indique que uma criança sofre de distúrbio de déficit de atenção e hiperatividade (ADHD), o processo de encaminhamento a um especialista freqüentemente é iniciado pela professora em sala de aula.

Normalmente, as mães destas crianças são chamadas à escola para ouvir histórias sobre os devaneios do filho em sala de aula, sua desobediência, inquietação e dificuldade em concluir as tarefas propostas. Para o neurologista Eliaz Engelhardt, é importante que os professores se informem sobre este distúrbio e aconselhem às mães a encaminharem seus filhos a especialistas.

“É fundamental que os professores identifiquem os casos de hiperatividade e que haja uma divulgação mais ampla junto a eles sobre as dificuldades evolutivas que as crianças possam vir a apresentar”, recomenda.

Em algumas escolas dos EUA, as crianças com ADHD são colocadas perto dos professores e têm permissão para realizar testes difíceis em salas silenciosas, onde não haja fatores dispersivos que roubem sua concentração. Permitir que a criança se desloque em sala de aula com liberdade ou deixá-las em mesas altas sem cadeiras também dá bons resultados. (C.C)

TESTE PARA CRIANÇAS

Se sua resposta a oito ou mais destas perguntas for afirmativa e descrever seu filho ou você quando criança, mais precisamente antes dos sete anos de idade, você pode suspeitar de distúrbio de déficit de atenção e hiperatividade (ADHD). O diagnóstico definitivo deve ser dado por um especialista.

- 1 — Mexe-se com freqüência na cadeira?
- 2 — Tem dificuldade em permanecer sentado?
- 3 — Distrai-se facilmente?
- 4 — Tem problemas em aguardar sua vez quando está em grupo?
- 5 — Sempre se precipita nas respostas?
- 6 — Apresenta resistência em seguir instruções?

7 — Tem dificuldade em concentrar a atenção em alguma tarefa?

8 — Sempre se desloca de uma atividade incompleta para outra?

9 — Tem dificuldade de brincar em silêncio?

10 — Fala excessivamente?

11 — Interrompe ou incomoda os outros com freqüência?

12 — Freqüentemente parece não estar escutando o que se diz?

13 — Sempre perde os instrumentos necessários à realização de tarefas?

14 — Participa de atividades arriscadas sem medir as conseqüências físicas?

Fonte: The ADD Rating Scale: Normative Data, Reliability and Validity.

TESTE PARA ADULTOS

Se você apresenta 12 ou mais destes traços de personalidade e padrões de comportamento, você pode sofrer de distúrbio de déficit de atenção (ADD). O diagnóstico definitivo deve ser dado por um especialista.

- 1 — Extrema inquietação e distração
- 2 — Dificuldade de organização
- 3 — Problemas em iniciar ou concluir tarefas e projetos
- 4 — Tendência de falar o que vem à mente
- 5 — Necessidade de estimulação constante
- 6 — Baixa tolerância ao aborrecimento
- 7 — Criatividade, intuição, inteligência

8 — Dificuldade em seguir procedimentos estabelecidos

9 — Impaciência, com inabilidade para suportar frustrações

10 — Impulsividade

11 — Aborrecimento excessivo

12 — Sentimento de ruína iminente

13 — Alternância de insegurança e audácia

14 — Alterações de humor e depressão

15 — Tendência para dependência química

16 — Baixa auto-estima crônica

17 — História familiar de distúrbio de déficit de atenção (ADD), psicose maníaco-depressiva, depressão ou abuso de substância química

Fonte: Hallowell, Edward & Ratey, John: Driven to distraction.